



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
BACHARELADO EM AGROECOLOGIA

Anna Guilhermina de Abreu Pinto

ENTRE O CAMPO E A ARTE: Experiências Agroecológicas Culturais

Recife, PE

2024

ANNA GUILHERMINA DE ABREU PINTO

ENTRE O CAMPO E A ARTE: Experiências Agroecológicas Culturais

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Memorial submetido ao curso de Bacharelado em Agroecologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel(a) em Agroecologia

Orientador(a): Prof.(a), Dr.(a) Gilvânia de Oliveira Silva de Vasconcelos

Recife/PE

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P659e Pinto, Anna Guilhermina de Abreu
Entre o campo e a arte: Experiências agroecológicas culturais / Anna Guilhermina de Abreu Pinto. -
2024.
44 f. :il.

Orientador: Gilvânia de Oliveira Silva de Vasconcelos.
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Bacharelado em Agroecologia, Recife, 2024.

1. agroecologia. 2. cultura. 3. arte. 4. educação. I. Vasconcelos, Gilvânia de Oliveira Silva de, orient. II.
Título

CDD 630.2745

Anna Guilhermina de Abreu Pinto

ENTRE O CAMPO E A ARTE: Experiências Agroecológicas Culturais

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de bacharel(a) e aprovado em sua forma final pelo Curso Bacharelado em Agroecologia.

Recife/PE, 04 de março de 2024

Dra. Prof. Maria Virginia Aguiar
Coordenação do Curso

Banca examinadora

Dra. Prof. Gilvânia de Oliveira Silva de Vasconcelos,
Orientadora

Dr. Prof. José Nunes da Silva,
UFRPE - DED

Dra. Prof. Flávia Mendes de Andrade e Peres,
UFRPE - DED

Dr. Prof. João Paulo do Vale Medeiros
Examinador Externo - UERN

Recife/PE, 2024.

Dedico este diploma a todas e todos aqueles que acreditam em um mundo socialmente mais justo, em específico as pessoas das comunidades Baixa Grande e Serrote Preto que me acolhem e contribuem para a minha formação humana.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a natureza, nosso bem maior, que me faz ver sentido na vida. A minha mãe Sylvia Portela por me encorajar, ao meu pai Fernando Abreu por acreditar em mim, ao meu companheiro Raul Brainer por todo o amor e cumplicidade, e em especial a professora e orientadora Gilvânia de Oliveira por me guiar nessa jornada. Muito obrigada a vocês que não me deixaram desistir e me dedicaram atenção, carinho e paciência.

“No mistério do sem-fim
equilibra-se um planeta.
E, no planeta, um jardim,
e, no jardim, um canteiro;
no canteiro uma violeta,
e, sobre ela, o dia inteiro,
entre o planeta e o sem-fim,
a asa de uma borboleta”

Cecília Meireles.

RESUMO

Durante a minha caminhada no curso de Bacharelado em Agroecologia na Universidade Federal Rural de Pernambuco, tive a oportunidade de vivenciar uma trajetória acadêmica enriquecedora. Ao longo desses anos, pude adquirir conhecimentos teóricos e práticos que me permitiram compreender a importância da agroecologia como ciência transdisciplinar. Desde o início do curso, percebi que a agroecologia vai além de uma simples técnica de produção agrícola. Ela engloba aspectos sociais, econômicos e ambientais, promovendo a sustentabilidade e a preservação dos recursos naturais. Essa visão holística despertou em mim a vontade de aplicar os princípios da agroecologia no meu dia a dia, tanto no meu Sítio quanto na minha comunidade. Ao longo dos anos, produzi diversos projetos no meu Sítio, buscando unir a arte e a educação com a conservação do meio ambiente. Através de eventos e da utilização de técnicas artísticas e educativas, como oficinas de pintura, escultura e aulas de educação ambiental com materiais recicláveis e barro, consegui obter resultados tanto em termos de criatividade quanto de consciência ambiental dos participantes. A arte tornou-se uma ferramenta poderosa para transmitir mensagens sobre a importância da preservação da natureza, ao mesmo tempo em que proporciona uma experiência enriquecedora e inspiradora para todos envolvidos. Além disso, percebi que a educação e a cultura desempenham um papel fundamental no processo de difusão da agroecologia. Por meio de oficinas e trocas de experiências, pude compartilhar os meus conhecimentos com outras pessoas, incentivando-as a adotar práticas sustentáveis em suas propriedades. Em síntese, a minha formação acadêmica em Agroecologia foi essencial para o meu crescimento pessoal e profissional. Através dela, pude compreender a importância da agroecologia como uma alternativa viável para a produção de alimentos saudáveis, mas para além disso, ela também valoriza o modo de vida sustentável, a cultura, a arte e a educação como elementos fundamentais para a construção de uma sociedade mais equilibrada e consciente. Também, pude aplicar os conhecimentos adquiridos no meu Sítio e na minha comunidade, contribuindo para a construção de um futuro mais justo e equilibrado.

Palavras-chave: agroecologia; cultura; arte; educação.

ABSTRACT

During my bachelor's degree in Agroecology at the Federal Rural University of Pernambuco, I had the opportunity to experience an enriching academic trajectory. Over these years, I was able to acquire theoretical and practical knowledge that allowed me to understand the importance of agroecology as a multidisciplinary science. Since the beginning of the course, I realized that agroecology goes beyond a simple agricultural production technique. It encompasses social, economic and environmental aspects, promoting sustainability and preservation of natural resources. This holistic vision awakened in me the desire to apply the principles of agroecology in my daily life, both on my farm and in my community. Over the years, I have produced several projects at my site, seeking to combine art and education with environmental conservation. Through events and the use of artistic and educational techniques, such as painting workshops, sculpture and environmental education classes with recyclable materials and clay, I managed to obtain results both in terms of creativity and environmental awareness of the participants. Art has become a powerful tool for conveying messages about the importance of preserving nature, while providing an enriching and inspiring experience for everyone involved. Furthermore, I realized that education and culture play a fundamental role in the process of spreading agroecology. Through workshops and exchanges of experiences, I was able to share my knowledge with other people, encouraging them to adopt sustainable practices on their properties. In summary, my academic training in Agroecology was essential for my personal and professional growth. Through it, I was able to understand the importance of agroecology as a viable alternative for the production of healthy food, but in addition, it also values a sustainable way of life, culture, art and education as fundamental elements for building a more balanced and conscious society. Also, I was able to apply the knowledge acquired on my site and in my community, contributing to the construction of a fairer and more balanced future.

Keywords: agroecology; culture; art; education.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – EXIBIÇÃO DO CINE PEBA NA COMUNIDADE.....	32
FIGURA 2 – SHOW DE FORRÓ NO SÃO JOÃO DO SÍTIO.....	33
FIGURA 3 – APRESENTAÇÃO DE PALHAÇOS NA COMUNIDADE.....	33
FIGURA 4 – PARTICIPANTES DO PROJETO GRÃO DELAS.....	34
FIGURA 5 – OFICINA PEDRAS QUE TINGEM.....	35
FIGURA 6 – ATIVIDADE DE MOLDAR O BARRO COM CRIANÇAS.....	37
FIGURA 7 – ATIVIDADE DE PLANTIO DE MUDA COM CRIANÇAS.....	38

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
BACEP	Bacharelado em Agroecologia, Campesinato e Educação Popular
SERTA	Serviço de Tecnologia Alternativa
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
SAF	Sistema Agroflorestal
CTA	Centro de Tecnologia Alternativa

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	16
2. INICIANDO MINHA FORMAÇÃO DE TÉCNICA E EDUCADORA EM AGROECOLOGIA	20
2.1 Conhecer e Diagnosticar o etnoagroecossistema	21
2.2 Planejar e Agir no etnoagroecossistema	23
2.3 Sistematização e Avaliação	27
3. ASSIM SE CONSTRUIU A ARTE-EDUCADORA EM AGROECOLOGIA NA UFRPE	29
3.1 Agroecologia e Cultura na construção do bem viver	31
3.2 Arte e Cultura nos processos educativos	36
3.3 Arte e Educação no BACEP	39
4 CONCLUSÃO	43
REFERÊNCIAS	46

1 INTRODUÇÃO

O presente memorial acadêmico tem como objetivo compartilhar a minha trajetória como discente no curso de Bacharelado em Agroecologia (BACEP) na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Cresci nas zonas rurais, entre os municípios de Chã Grande (agreste) e Arcoverde (sertão), no estado de Pernambuco, onde tive a felicidade de viver em uma fazenda, cercada por cavalos e vacas leiteiras, sob a orientação do meu pai. No entanto, aos 16 anos, sai de casa para estudar em Recife, mas acabei não me adaptando ao ritmo acelerado da cidade, ao trânsito caótico e ao constante medo. Essa experiência me fez retornar ao interior, desta vez, em Buíque, no agreste pernambucano, onde, pela primeira vez, eu morava sozinha.

A partir desse momento, surgiram várias dúvidas em relação ao que eu faria no sítio, como poderia gerar uma produção sustentável, quais seriam as melhores plantas e animais a serem cultivados nesse clima específico e como eu poderia me sustentar no campo. Essas reflexões tornaram-se fatores orientadores que me levaram a pesquisar e buscar respostas por meio de conversas com amigos e pesquisas individuais. Foi assim, que descobri o Serviço de Tecnologia Alternativa (SERTA), uma organização não governamental que oferece um curso técnico em Agroecologia, com duração de 18 meses. Então, em 2018, me formei no SERTA, onde tive meu primeiro contato prático e teórico com a agroecologia.

Ao vivenciar a agroecologia, minha relação com o território e a comunidade passou por uma transformação significativa. Comecei a compreender que eu, como sujeito e social, poderia desempenhar um papel ativo na mudança e na influência positiva no mundo ao compartilhar conhecimentos. A agroecologia, além de ser uma ciência transdisciplinar, abrange um modo de vida completo. Segundo Figueiredo (2019), ela envolve tanto a produção vegetal, animal e a relação do ser humano com a natureza, priorizando a sustentabilidade e a conservação dos recursos naturais, como também valoriza os sujeitos do campo e seu conhecimento tradicional. Além disso, a agroecologia não se esquece da pegada ecológica, incorporando a preocupação com a preservação do meio ambiente e a redução dos impactos negativos.

No entanto, senti a necessidade de aprofundar ainda mais meus conhecimentos em agroecologia e, por isso, decidi me inscrever no curso de Bacharelado em Agroecologia na Universidade Federal Rural de Pernambuco. Este

curso superior é especialmente projetado para pessoas que têm vínculos com o campo, e sua metodologia de ensino em regime de alternância permite que esses sujeitos permaneçam no campo e, ao mesmo tempo, tenham acesso ao ensino universitário. Essa abordagem pedagógica inovadora também me possibilitou vivenciar a agroecologia na prática, aplicando o conhecimento adquirido em minha comunidade e propriedade rural, durante 4 anos de curso (2019-2023), embora tivemos o ano de 2020 de pandemia, no meio que atrasou o curso.

O curso é formado por 4 (quatro) eixos/anos e suas respectivas temáticas semestral. Tais temáticas que chamaram minha atenção durante o curso foram: expressões culturais e campesinato, subjetividades, educação popular e processos educativos, que são elementos fundamentais para compreender a riqueza e a abrangência da Agroecologia como disciplina.

As Expressões Culturais e Campesinato, destaca a importância de valorizar e preservar as expressões culturais das comunidades rurais. Segundo Freire (1974) e Shiva (2016), reconhecer que os saberes e as práticas tradicionais do campesinato, não apenas contribui para a biodiversidade agrícola, mas também representa um patrimônio cultural valioso. Ao integrar expressões culturais, como danças, músicas, artesanato e festividades locais, a agroecologia promove o resgate e fortalecimento da identidade cultural das comunidades rurais. Isso não apenas preserva tradições, mas também fortalece o vínculo emocional das pessoas com sua terra e modo de vida.

Na temática subjetividades, segundo Silva (2012), reconhecemos que as questões agrícolas não se limitam apenas a práticas técnicas, mas estão profundamente ligadas às singularidades das pessoas envolvidas, compreendendo as experiências, valores, percepções e emoções dos agricultores e das comunidades rurais. A Agroecologia incentiva uma abordagem participativa que envolve ativamente as pessoas na construção de suas próprias práticas. Isso significa considerar as perspectivas e decisões dos agricultores, promovendo uma relação mais justa e participativa entre pesquisadores/as e as famílias na comunidade.

A educação popular, fundamentada nas ideias de Paulo Freire, destaca a importância da participação ativa dos educandos/as no processo de aprendizagem. Na agroecologia, esse princípio se reflete na valorização do conhecimento local e na participação das comunidades rurais no desenvolvimento de práticas sustentáveis.

Tais temáticas abordam a importância de reconhecer e valorizar os saberes locais. Na agroecologia, isso significa considerar as práticas tradicionais de agricultura sustentável que muitas comunidades já desenvolvem. A educação popular propõe uma abordagem que parte dos conhecimentos prévios dos educandos/as, promovendo a contextualização do aprendizado. Portanto, a educação popular e a agroecologia compartilham valores e princípios que podem ser integrados para promover práticas agrícolas mais sustentáveis e empoderar as comunidades no processo. Essa integração contribui para o desenvolvimento de uma abordagem educativa que seja relevante, contextualizada e transformadora.

Essas temáticas estudadas enfatizam a interconexão entre a Agroecologia e as dimensões culturais, subjetivas, comunicativas e educativas. Ao integrar esses aspectos, o curso busca não apenas formar profissionais competentes em práticas agroecológicas, mas também agentes de transformação que compreendem e respeitam as complexidades e as especificidades das comunidades rurais.

Associar agroecologia, arte, educação e cultura é de extrema relevância para a promoção do crescimento sustentável e o fortalecimento das comunidades rurais. A agroecologia, ao valorizar a diversidade cultural, busca promover práticas agrícolas que sejam socialmente justas, economicamente viáveis e ecologicamente saudáveis. A conexão com a cultura é fundamental para preservar os saberes, as tradições e os modos de vida das comunidades rurais.

Além disso, a agroecologia pode ser expressa por meio da arte, que desafia e inspira as pessoas a refletirem sobre a importância da agricultura sustentável. Através de diferentes formas de expressão artística, como pintura, escultura, música e dança, podemos transmitir mensagens sobre a importância da preservação do meio ambiente, da valorização dos produtos locais e da biodiversidade.

A educação também desempenha um papel crucial no contexto da agroecologia. É essencial levar os princípios da agroecologia para as escolas, envolvendo os estudantes em projetos educacionais como hortas escolares, para que eles e elas, possam aprender na prática sobre a agricultura sustentável. Além disso, a agroecologia pode ser tema de cursos, palestras e oficinas, oferecendo oportunidades de aprendizado para pessoas de todas as idades interessadas nesse campo de estudo.

Dessa forma, a minha trajetória acadêmica em agroecologia na UFRPE, foi construída profundamente interligada com os temas de arte, educação e cultura.

Através da metodologia do curso, que combina teoria e prática, tive a oportunidade de consolidar meus conhecimentos e contribuir efetivamente para o debate da agroecologia na minha comunidade e além.

Este trabalho está organizado em 4 capítulos. No primeiro capítulo a introdução, que apresenta de forma geral o trabalho, as principais temáticas trabalhadas ao longo dos anos e como estas estão inseridas no meu dia a dia. No segundo capítulo, faço uma analogia ao curso de agroecologia, separado pelos eixos que trabalhamos. No terceiro capítulo conto sobre as atividades desenvolvidas junto à comunidade, como os conhecimentos no BACEP influenciaram meu dia a dia na comunidade e como me tornei uma educadora popular. Por fim, à conclusão, que traz a importância da cultura e arte para uma educação em agroecologia.

2. INICIANDO MINHA FORMAÇÃO DE TÉCNICA E EDUCADORA EM AGROECOLOGIA

Minha trajetória no BACEP teve início com meu retorno à zona rural em Buíque, agreste meridional de Pernambuco. Ao me deparar com a necessidade de repensar meu futuro no campo, a agroecologia surgiu como uma resposta natural, revelando-se o caminho ideal para minha jornada. Inicialmente, cursei a formação técnica em agroecologia no SERTA. Ao concluir, a inquietude por aprofundar meus conhecimentos levou-me a ingressar no BACEP.

O BACEP, direcionado a camponeses/as e pessoas vinculadas ao campo, adota um regime de alternância e uma abordagem transdisciplinar, visando à educação popular sem esquecer da pegada ecológica. O formato de alternância é crucial, permitindo que permaneçamos no campo enquanto acessamos o ensino superior, promovendo um diálogo entre saberes acadêmicos e populares. Essa interação evidencia que a educação popular e a agroecologia caminham lado a lado como a transdisciplinaridade. Para Gervais, Silva e Mattos (2023) discorre que, nenhuma ciência se desenvolve isoladamente, destacando a importância do compartilhamento de conhecimentos.

Ao expandir experiências e conectar-se com jovens de diversas cidades e estados, que compartilham pensamentos e vivências similares, é uma parte integral da alternância em diálogo com a transdisciplinaridade. Além disso, é fundamental garantir que o conhecimento não se restrinja a nós mesmos, mas seja compartilhado e divulgado na comunidade.

Considerando o contexto local e as pessoas envolvidas. São ciências que não seguem uma fórmula única, adaptando-se à realidade local. A educação popular desempenha o papel de democratizar o conhecimento, tornando-o acessível para todos, dentro e fora da escola, reconhecendo e valorizando os saberes populares.

Vejo a agroecologia como uma ciência contextualizada, que analisa não apenas a produção, mas todo o contexto social, econômico e ecológico. A metodologia adotada pelo BACEP para fortalecer a alternância, envolve visitas aos diversos territórios que compõem o estado de Pernambuco. Cada período iniciou com uma imersão, em uma região específica, proporcionando a oportunidade de conhecer as experiências das famílias locais, a história, a produção, as pessoas e a natureza. Visitamos desde a zona da mata até o sertão, passando pelo agreste, região metropolitana e Recife (capital).

Essa metodologia foi essencial para estudantes de agroecologia, pois, como uma ciência transdisciplinar, precisamos compreender os diferentes climas, solos, plantas e costumes que permeiam nossa região. As visitas despertaram o olhar pesquisador(a), promovendo análises e a aplicação prática das metodologias aprendidas em sala de aula nos diversos contextos visitados. Essa abordagem enriquecedora contribuiu significativamente para a formação de profissionais conscientes e contextualizados no universo da agroecologia.

O curso é dividido em eixos, são eles: I - Conhecer, II - Diagnosticar, III- Planejar e Agir, Avaliar e IV - Sistematizar o etnoagroecossistema. A cada eixo, fomos descobrindo mais sobre nosso território e aprendendo maneiras de intervir na comunidade com o debate agroecológico. No primeiro eixo, utilizamos mapas como ferramenta metodológica, a fim de localizar os diversos territórios. A partir daí, fomos aprofundando o olhar desde o estado em que vivemos até chegar na comunidade e em nosso quintal.

2.1 Conhecer e Diagnosticar o etnoagroecossistema

Durante o desenvolvimento desses dois eixos, levantamos várias questões que nos ajudassem a chegar no diagnóstico, como as características do lugar, paisagens, solo, clima, hábitos alimentares, expressões culturais, religiões. Tudo isso contribui para que possamos conhecer e saber quais as demandas do lugar, em que temos que agir, como a agroecologia está sendo vista nesse território.

O município de Buíque, onde resido, está situado no agreste meridional de Pernambuco, segundo pesquisas do IBGE (2015, n.p):

Na microrregião do Vale do Ipanema, inserido no bioma Caatinga. Essa região se destaca por uma paisagem marcada por vales, serras com relevo ondulado e montanhoso, pertencentes à formação Tacaratu, formações geológicas, bacias sedimentares e depressões sertanejas, todas recortadas por rios perenes. O solo local é predominantemente argiloso e arenoso, com afloramentos em rochas denominadas litossolos (solos rasos), compostas por rochas sedimentares e arenito, formando extensos aglomerados.

Essas características são resultados de uma vegetação adaptada ao clima semiárido da região, com altas temperaturas durante o dia e quedas drásticas à

noite, além da baixa pluviosidade. Destaca-se por uma diversidade de plantas medicinais, cactos e bromélias endêmicas. A fauna inclui animais como tatu-peba (*Euphractus sexcinctus*), raposa (*Dusicyon thous*), mocó (*Kerodon Rupestris*), preá (*Cavia Aperea*), veado (*Mazama gouazoubira*), pássaros como o galo campina (*Paroaria dominicana*), gavião (*Caracara plancus*), urubu (*Cathartidae*), jandaia (*Aratinga jandaya*), anu (*Crotophaga ani*), rolinha (*Columbina passerina*), siriema (*Cariamidae*), codorna (*Nothura maculosa*), cobras como cascavel (*Crotalus durissus*), jararaca (*Bothrops jararaca*), coral (*Micrurus corallinus*), cipó (*Chironius*), teiu (*Tupinambis*) e felinos (*Puma concolor* e *Leopardus wiedii*).

A atividade econômica predominante na região é a agropecuária, com destaque para a produção de laticínios na bacia leiteira do estado. Além disso, há práticas de agricultura de subsistência e monocultivo de milho (*Zea mays*), feijão (*Vigna unguiculata*), jerimum (*Cucurbita pepo* L), batata doce (*Ipomoea batatas*), macaxeira (*Manihot esculenta*), caju (*Anacardium occidentale* L) e palma (*Opuntia ficus-indica*). Buíque integra o Vale do Catimbau, o segundo maior parque arqueológico do Brasil, impulsionando o turismo local, especialmente nas comunidades que compõem as áreas de amortecimento do Vale. Segundo Assis e Acioly (2004, p.20):

Historicamente, a região remonta aos primórdios, com indícios de ocupação indígena, evidenciados por descobertas arqueológicas, como um cemitério no distrito de Catimbau, datado de 1970. Durante o período das sesmarias, surgiram as fazendas Lagoa (Buíque) e Garcia (Garanhuns), sendo a primeira herdada e dada como dote de casamento. A construção da capela de São Félix (1784) marcou o surgimento do povoado de São Félix, que posteriormente deu origem à vila nova de Buíque, instalada como sede em 1854.

Por isso, a região recebe influência indígena em diversos fatores, inclusive no nome, segundo FONSECA (2009), o nome "Buíque" tem origem Tupi e significa "lugar de cobras", embora haja relatos locais de que os indígenas tocava uma "flauta" feita de osso, produzindo um som semelhante a "buíque, buíque, buíque". Atualmente, enfrentamos desafios, como famílias sendo indenizadas pelo IBAMA e ICMBIO para desocupar áreas de preservação, um processo que ainda se desenrola lentamente.

A diversidade cultural da região inclui uma área indígena do povo Kapinawá, onde práticas tradicionais, como os torés¹, o samba de coco² e o uso de plantas medicinais, incluindo o vinho da Jurema, são preservadas. O quilombo Mundo Novo, reconhecido em 2018, destaca-se por cultivar diversos alimentos e manter vivas práticas como a medicina popular e o samba de coco.

Quanto às práticas religiosas, o catolicismo predomina, seguido pelo evangelho e pelos ritos ancestrais. Destacam-se eventos culturais, como festas tradicionais, novenas e São João, e a presença de Raizeiros(as) e Benzedeiros(os). O Vale do Catimbau, além de seu valor arqueológico, é um grande atrativo, carregado de ancestralidade por suas inscrições rupestres e formações geológicas antigas.

No âmbito educacional, sindicatos e associações oferecem capacitações às famílias agricultoras, sendo as políticas públicas mais notáveis relacionadas a cisternas e habitações populares. Embora haja escolas na zona rural, muitas vezes carecem de contextualização, e a mobilidade de estudantes para a cidade ocorre a partir da quarta série. A transmissão de saberes ocorre por meio da tradição oral, com os mais velhos contando histórias locais.

Apesar de a agroecologia não estar totalmente difundida na região, observa-se a prática da agricultura familiar, muitas vezes sem o uso de agrotóxicos, embora sem adesão explícita aos princípios agroecológicos. As organizações sociais ainda não abordam adequadamente essa temática.

2.2 Planejar e Agir no etnoagroecossistema

O sítio Alcobaça, onde vivo e desenvolvo as atividades diárias de agricultura, onde cultivamos e consumimos alimentos como milho, feijão, rúcula, caju e umbu, diretamente da terra. Além disso, realizamos o beneficiamento e a venda de produtos derivados do umbu, como geleias, molhos e licor, e do caju, utilizando-o como "carne" de caju. Produzimos e vendemos mudas, e abrimos o Sítio para

¹ O toré é um ritual indígena que une dança, religião, luta e brincadeira, pode variar de acordo com a cultura de cada povo, mas é praticado por muitos, como os Kariri-Xocó, Xukuru-Kariri, Xocó, Potiguara, Pankararé, Pankararu, Truká e os Fulni-ô. Disponível em: <<https://mirim.org/pt-br/node/17217>> Acesso em: 18 fev 2024

² O samba de coco é uma dança brasileira, seu berço foi o sertão de Pernambuco. O ritmo possui traços indígenas com nítida influência africana nos quilombos e senzalas. Os negros cantavam durante o ritual da quebra do coco para a extração das coconhas. Disponível em: <<https://erxs.no.comunidades.net/samba-de-coco>)> Acesso: 18 fev 2024

hospedagem, e atividades/mutirões mensalmente para manutenção e realização de algumas tarefas do lugar; organizamos eventos como o Dia das Crianças e o São João Rural e passeios turísticos como, cavalgadas, trilhas e camping, com trocas financeiras e, às vezes, por serviços e produtos.

Como camponeses, dedicamo-nos às atividades rurais de base familiar. Viver da terra representa uma luta diária, especialmente por optarmos por uma abordagem não convencional. Isso demanda tempo, paciência e constante busca por conhecimento. O principal desafio que enfrentamos está relacionado ao clima extremamente quente, o que requer adaptação aos horários de maior incidência solar e às variações nos meses de chuva.

O núcleo familiar é composto por mim e Raul, meu companheiro, e as tarefas tanto da casa quanto do Sítio são distribuídas entre nós e alguns amigos e parentes que chegam para ajudar. As atividades são realizadas de forma cooperativa, seja entre nós dois ou em mutirões.

No planejamento geral das atividades do Sítio, acabo me envolvendo mais com eventos, comunicação e o jardim, enquanto Raul organiza as construções, manutenções e plantios de lavoura. Na prática, executamos todas as funções juntos, desde as tarefas domésticas até consertos e produção de eventos. Observamos que essas "divisões" muitas vezes estão relacionadas ao modelo capitalista de divisão do trabalho, que internalizamos e reproduzimos inconscientemente, realizando tarefas com as quais estamos mais habituados.

Buscamos mudar essa dinâmica no nosso cotidiano, auxiliando um ao outro e aproveitando todos os espaços como oportunidades de aprendizado. Os conhecimentos são transmitidos de maneira informal, por meio de nossas experiências com pessoas e locais que frequentamos. Procuramos tornar o Sítio um espaço pedagógico, questionando sempre "o que queremos transmitir?" e "o que queremos aprender?", utilizando diferentes linguagens artísticas e culturais, além de dialogar e compartilhar experiências com diferentes modos de vida.

Assim como a agroecologia é uma ciência transdisciplinar, vejo o sítio Alcobaça como um espaço pensado para favorecer a diversidade através da agroecologia como ferramenta artístico pedagógica, com o intuito de recaatingar, criar um espaço de práticas ecológicas e afetivas, além de promover ações culturais e sociais envolvendo a comunidade, com práticas que vão desde da agricultura e recuperação da área degradada com reflorestamento ou recaatingamento, ao

beneficiamento de alimentos, atividades com turismo, festas e eventos além de oficinas que divulgamos conhecimentos de diversas áreas.

No eixo do Agir no etnoagroecossistema, fizemos a viagem de imersão para o território dos Agrestes, tivemos a oportunidade de receber a turma para conhecer e desenvolver uma intervenção no sítio Alcobaça - local que vivo e trabalho, tal atividade está relacionado à temática de manejos ecológicos de sistemas agroflorestais. Segundo Figueiredo (2019, p. 5):

Agricultura agroflorestal nasce com os povos originários, quando se abria clareiras nas matas para cultivar espécies alimentícias, com a evolução do mundo surgiu outros modelos de agriculturas, com monocultivos, agrotóxicos e maquinários pesados, com o passar dos anos percebemos a degradação que o modelo convencional trouxe para a natureza e os recursos naturais, daí surge a agricultura alternativa que é a sistematização dos cultivos dos povos originários junto a observação da natureza e a pesquisas relacionadas, principalmente, a vida no solo.

A partir do conceito de agricultura alternativa ou agroecologia surgem diversos estudos sobre a melhor maneira de produzir levando em consideração as boas práticas da agricultura, dando surgimento a agrofloresta ou SAF - sistema agroflorestal, dialogando com Gotsch (1997, p. 8):

A agrofloresta consiste na "imitação" da natureza, onde o agricultor tem a função de observar a floresta, as espécies que dividem o mesmo solo, os insetos e animais ali presentes, toda a junção desse ecossistema, para tentar chegar o mais próximo do ambiente natural no seu cultivo, priorizando as espécies que servirá para sua intenção (alimentícia, forrageira, medicinais, madeiras, etc.).

Levando em consideração esses autores acima e tentando pôr em prática, durante à intervenção no sítio Alcobaça, discutimos com a turma, sobre quais as espécies e sementes disponíveis, delineamos o tamanho da área, consideramos o clima, a vegetação nativa e, em seguida, elaboramos o desenho das linhas de plantio. Essa etapa de planejamento é crucial para organizar os processos, promovendo uma análise mais aprofundada das culturas, suas posições no sistema e os consórcios mais eficientes entre as espécies.

No início do plantio em uma área de 10x10 metros, introduzimos diversas culturas, destacando a palma (*Opuntia ficus-indica*) como a principal. Juntamente com mucuna, feijão de porco (*Canavalia ensiformis*), crotalária (*Juncea*), estacas de pornúncia (*Manihot glaziovii*), umburana (*Amburana*), mudas de pinha (*Annona squamosa*), umbu (*Spondias tuberosa*), batata doce (*Ipomoea*), macaxeira (*Manihot*),

milho (*zea mays*) e feijão (*phaseolus vulgaris*), criamos um sistema integrado. Nas extremidades, inserimos mudas de gliricídia. Durante a prática do SAF, compreendemos, através de diálogos com professores(as), famílias agricultoras e leituras indicadas, os fatores que tornam esse sistema eficiente, especialmente ao copiar os processos naturais dos etnoagroecossistemas.

O cuidado inicia-se na preparação do terreno, evitando queimadas e utilizando resíduos vegetais para proteger o solo. Práticas como plantio consorciado, adubação verde, cultivo permanente, terra coberta, capina seletiva, poda, colheita e manejo contínuo são adotadas. A sincronização do sistema é fundamental, garantindo que as plantas cresçam em harmonia, favorecendo processos de sucessão vegetal.

Os SAF's, caracterizados pela combinação de árvores, plantas anuais e animais, são fundamentais para a sustentabilidade. Buscamos inspiração em ecossistemas naturais, adaptando o SAF ao clima, à economia local e familiar. Árvores desempenham papel crucial, oferecendo benefícios como proteção contra vento, condensação de água, adubação do solo e funções produtivas variadas.

A interação entre insetos e plantas é considerada de maneira diferenciada nos SAF's, contrastando com a abordagem convencional. Reconhecemos a importância da diversidade metabólica das plantas, criando sistemas menos suscetíveis a ataques de insetos. Na agroecologia, compreendemos as relações sistêmicas entre diferentes plantas e insetos, priorizando a saúde do agroecossistema.

Apesar das vantagens, a implementação de SAF's apresenta desafios, como o tempo até a primeira produção, investimento inicial mais elevado e possíveis conflitos com o manejo animal. No entanto, é importante destacar que essa abordagem, embora estudada e refinada, sempre existiu, especialmente nos quintais domésticos, que representam verdadeiros exemplos de biodiversidade agrícola.

Com isso, fica evidente que o sítio se configura como um espaço de aprendizado e troca de saberes, que perpassa a agricultura e abraça uma variedade de práticas que interessam às pessoas da região. Essas práticas não se limitam apenas ao cultivo da terra, mas podem abranger qualquer área que desperte a curiosidade e o interesse dos habitantes locais. É por isso que a cultura se apresenta como a abordagem principal, uma vez que está ligada aos costumes e tradições desse lugar específico. Ao valorizar e promover a cultura local, o sítio não

apenas enriquece o conhecimento das pessoas, mas também fortalece os laços comunitários e preserva a identidade única da região.

2.3 Sistematização e Avaliação

Concluindo o ciclo do curso, chegamos à etapa crucial de sistematização e avaliação no contexto do etnoagroecossistema. Exploramos metodologias para realizar essas análises de maneira eficaz, reconhecendo a importância dessa prática tanto na organização de sistemas agrícolas quanto em práticas sociais. Essa reflexão se revela fundamental para compreender o que foi realizado, destacar aspectos relevantes e orientar os próximos passos do processo.

Em sala de aula, tivemos a oportunidade de aplicar a sistematização e avaliação aos períodos do curso, servindo como exemplo de atividade passível de ser replicada em nossa comunidade ou junto a famílias com as quais estamos envolvidos. A abordagem que adotamos visa romper com a tradicional síntese de experiências, na qual diferentes perspectivas são simplesmente agregadas em uma visão geral, frequentemente dominada pela fala predominante no grupo. Optamos por um olhar mais interior, permitindo análises sensíveis das próprias práticas.

Segundo o dicionário da agroecologia, Amâncio e Souza (2021, p. 709):

A sistematização de experiências, em consonância com a educação popular, implica em analisar criticamente as ações realizadas. Ela vai além da avaliação convencional, estimulando a construção de capacidades de ação para transformar a realidade. Essa abordagem envolve um processo social chamado Sistematização de Experiências, no qual a análise crítica e sensível das práticas pode identificar tanto acertos quanto limitações, promovendo o desenvolvimento de capacidades e fortalecimento identitário nos participantes. Sistematizar experiências, sob a ótica da educação popular, assume dimensões epistemológicas, éticas, políticas e pedagógicas. Trata-se de uma produção de conhecimento originada por aqueles que vivenciaram o processo, exigindo respeito às múltiplas vozes envolvidas. Portanto, ao sistematizar experiências, estamos envolvidos em um processo de pesquisa e investigação aplicado às mudanças sociais. Compreendemos que pesquisar, sistematizar e avaliar são pilares essenciais para o desenvolvimento da autonomia e liberdade, estabelecendo um ambiente propício ao contato, ao desconforto pedagógico e à abertura da consciência para novas perspectivas e rupturas.

Como consequência da sistematização de experiências chegamos na avaliação dessas, que são os resultados das ações. Na experiência com a minha comunidade, destaco a implementação de três SAFs. É gratificante ver que os

agricultores que participaram das vivências na nossa casa, junto com a turma do BACEP, se inspiraram e começaram a implementar um SAF em uma área que estava sem uso há algum tempo. Eles optaram por um consórcio de palma e mandacaru (*Cereus jamacaru*) como principais cultivos, além de mudas de frutíferas como café (*coffea arabica*), goiaba (*psidium guajava*), acerola (*Malpighia emarginata*) e limão (*Citrus limon*). Sugerimos a eles que plantassem leguminosas e gramíneas entre as mudas de frutíferas para auxiliar no crescimento das plantas. A prática da poda também foi enfatizada, pois os resíduos podem ser utilizados como adubo, enriquecendo o solo.

Além disso, nas oficinas que realizamos, duas famílias começaram a vender salgados veganos, o que gerou uma fonte adicional de renda para elas. Também recebemos relatos de pessoas que mudaram alguns hábitos alimentares após participarem das nossas atividades. Quanto aos eventos e brincadeiras que organizamos, o destaque vai para a interação com a comunidade e para os equipamentos culturais que agora estão disponíveis aqui. É gratificante ver também que novos moradores, vindos de outras regiões, estão se envolvendo nas atividades da comunidade, trazendo consigo novos conhecimentos e contribuindo para o fortalecimento do grupo, nessa ideia elas começaram a articular jovens e mulheres para trabalhar com artesanato e inclusão digital, gerando renda e conhecimentos, além de conversas informais sobre o mundo e a dinâmica de vida.

Com tudo isso, podemos ver que o compartilhamento de conhecimentos tem surtido efeito real. O BACEP não se limitou às nossas casas; ele está se expandindo para outras comunidades onde vivem os estudantes, mostrando que as metodologias, conhecimentos e dinâmicas que aprendemos estão sendo aplicados e replicados com sucesso. Estamos levando a ciência da agroecologia como uma alternativa viável de vida para os agricultores e agricultoras da região.

3. ASSIM SE CONSTRUIU A ARTE-EDUCADORA EM AGROECOLOGIA NA UFRPE

Quando iniciei meus estudos em agroecologia, percebi que a arte e a educação popular sempre estiveram presentes em minha vida. Aos 17 anos, ao retornar para a zona rural, me deparei com uma comunidade desconhecida. Pensando em como me aproximar das pessoas, observei uma carência de atividades lúdicas e de escuta para as crianças. Recordando minha infância, marcada por teatro, músicas, filmes e brincadeiras, questionei por que essas experiências não estavam presentes naquela comunidade. Surgiu, então, a ideia de criar atividades no sítio Alcobaça, onde resido.

Aproximando-me das crianças, promovemos brincadeiras e atividades que exploravam o espaço e despertavam curiosidade sobre a agroecologia de forma empírica. As brincadeiras, como a caça ao tesouro com charadas relacionadas ao cotidiano, proporcionaram um ambiente propício para discutir a importância das edificações e as características das plantas, aprofundando o diálogo sobre a agroecologia.

Além disso, utilizando a argila, uma tradição cultural da região, contamos a história dessa prática, discutimos as características do solo e brincamos com a argila. Técnicas como desenho, pintura, teatro e audiovisual foram incorporados para abordar temas importantes e representá-los artisticamente. Segundo Percassi, Bonassa e Guilherme (2021, p. 288):

Cultura é a produção e reprodução da existência humana em determinado contexto histórico. É prática social, e justamente em suas relações e mediações é que se desenvolve o processo organizativo da vida: o que e como se planta, come, estuda, aprende; como se cuida das crianças e idosos; como se faz arte, crenças, hábitos, a forma de fazer política. Os seres humanos desenvolvem sua humanidade através da cultura, que por sua vez constitui os mesmos seres humanos em uma relação dialética, de práxis social. Compreende-se a cultura como campo em que se assentam as bases e as práticas da reconstrução de uma práxis social emancipatória, a agroecologia figura como elemento fundamental para a reconstrução ecológica da agricultura e da cultura como um todo.

Ao perceber a cultura como ponto central para a integração com a comunidade, expandimos nossas ações para a comunidade como um todo, reconhecendo a carência de equipamentos culturais na zona rural. Organizamos eventos para diferentes públicos, como oficinas de culinária, abordando questões

sobre a cultura alimentar e promovendo debates que uniam prática e reflexão. Entendemos a importância de trazer eventos culturais que contemplem todas as idades.

Em meio às conversas com a comunidade, identificamos a necessidade de festas que resgatassem a tradição da música popular pernambucana. Reconhecendo a lacuna na divulgação de artistas locais e na promoção de eventos culturais, criamos a programação do São João Rural, mesclando contemporaneidade com forró tradicional e piseiro³. Essa abordagem busca agradar a todas as idades, mantendo a tradição viva e incorporando elementos modernos.

A arte sempre esteve presente em minha vida, tornando-se uma ferramenta essencial para promover alegria e bem-estar na comunidade. Através dessas ações, fui reconhecida na comunidade, evidenciando como a arte e a cultura são elementos fundamentais na vida das pessoas na zona rural. Essas iniciativas inspiram outras pessoas a realizarem atividades semelhantes, mostrando que a zona rural é um espaço rico em expressões artísticas e culturais intrinsecamente ligadas à natureza, crenças e observação do tempo.

A arte se revela como um elemento essencial na experiência humana, uma poderosa metodologia transmitida ao longo das eras pelos povos antigos. Sua função vai além da estética, desempenhando papéis fundamentais na preservação da história, costumes e na transmissão de conhecimentos às gerações mais jovens. Além disso, a arte atua como uma ferramenta de agrupamento, fortalecendo o convívio coletivo, uma necessidade crucial para a organização de uma sociedade, especialmente quando se busca reivindicar direitos.

Neste contexto, a agroecologia emerge como uma prática que integra de maneira habilidosa a arte em suas diversas formas. Desde as místicas que celebram a ligação entre a terra e as comunidades, até as atividades participativas que incorporam desenhos e descrições, a agroecologia reconhece na arte uma ferramenta pedagógica e expressiva. Outra escola de agricultura alternativa, a permacultura, segundo Bill Mollison (1981), na implementação de sistemas

³ O termo "piseiro" é uma expressão popular que surgiu no Brasil e se refere a um estilo musical que mistura o forró tradicional com elementos do sertanejo universitário. O piseiro é caracterizado por suas batidas aceleradas e dançantes, que convidam as pessoas a dançarem e "pisarem" no chão. Disponível em: < <https://loja.ibrath.com/blogs/o-que-significa-piseiro/o-que-significa-piseiro> > Acesso em: 24/03/2024

agroalimentares, a permacultura considera não apenas as condições climáticas e a paisagem, mas também a estética, refletida no paisagismo único de cada lugar e quintal. Até mesmo as ferramentas utilizadas, muitas vezes esculpidas por artesãos locais, destacam a interseção entre a arte e as práticas agroecológicas.

É crucial desenvolver um olhar atento para apreciar as diversas expressões artísticas presentes em qualquer ambiente, e, mais ainda, a sociedade deve valorizar e compreender essa linguagem como algo essencial em nossas vidas. Como elo intrínseco ao processo de experiência humana, a arte não só é testemunha, mas participante ativa na criação e produção de vida em suas múltiplas dimensões. A colaboração entre a criação de instrumentos de trabalho e a expressão artística não é apenas histórica, mas fundamental no desenvolvimento humano.

3.1 Agroecologia e cultura na construção do bem viver

Organizamos atividades que envolvem a comunidade e diversas linguagens artísticas, através do conceito agroecologia construímos eventos, oficinas e aulas que dialoguem com a preservação da natureza e acima de tudo preguem o bem viver, descritas por Peres e Morales (2023, p. 8)

Práticas comunitárias que incorporem outros legítimos, os quais foram historicamente excluídos das redes conversacionais, são potenciais para mobilizar afetos e construir novas redes colaborativas nos territórios, no resgate e produção de sentido sobre as memórias bioculturais.

A partir dos conhecimentos e das metodologias do BACEP conseguir unir esses conceitos e atuar na minha comunidade de diferentes formas, através de atividades que fomentam a cultura local preservando os antigos conhecimentos e também levando linguagens da contemporaneidade e da tecnologia que possam ser usadas a nossa favor, principalmente na zona rural como visto.

A primeira ação que começamos a fazer foi o Cine Peba (Figura 1), um cineclube, sempre ocupando espaços públicos, como escola, bar e sede da associação, geralmente com edições para crianças com exhibições de curta metragens, a curadoria é feita em cima de temas que preservam o meio ambiente e trazem o modo de vida dos camponeses em evidência. Com isso além de levar um equipamento cultural para a comunidade, também promove o debate e diálogo com a comunidade em diversos temas que sejam de interesse público.

.Figura 1 - Exibição do Cine Peba na comunidade



Fonte: Anna Guilhermina (2022)

O São João Rural é um evento cultural onde aproveitando a época mais farta da região, saudamos a colheita desfrutando de uma das festividades mais esperadas pelo nordeste. O São João, festa tradicional dos povos regionais, celebra a chegada da chuva e o compartilhamento de saberes populares. A partir da necessidade de aproximação entre as comunidades e equipamentos culturais, integramos uma programação de diferentes expressões artísticas com o apoio de parceiros e amigos (Figura 2). Tendo livre acesso aos festejos, a população participa ativamente do processo e realização. Desde shows, rodas de diálogos, fornecimento proveniente da Agricultura Familiar a serviços diversos.

Figura 2: Show de forró no são João do sítio



Fonte: Xirumba (2023)

O Dia das Crianças (Figura 3), evento em que organizamos brincadeiras e oficinas, como confecção de pipas, plantio de mudas e suculentas, caça ao tesouro, corrida de saco, perna de pau, e quebra panela, além de apresentações circenses, junto aos amigos e parceiros arrecadam doações de roupas, brinquedos e material escolar para a comunidade.

Figura 3 - Apresentação de palhaços na comunidade



Fonte: Anna Guilhermina (2019)

Através da lei ALdir Blanc em 2021 produzimos um podcast junto às mulheres da comunidade (Figura 4), o projeto Grão Delas surge a partir da importância de retratar a natureza e a vivência das mulheres do campo, são 4 episódios que envolve um tema do universo do feminino no território do semiárido, são eles: “da sementes a chuva”, “balanço da terra”, “a fé de cada dia” e “quem te viu, quem te vê”. Os episódios trazem seis mulheres das comunidades rurais em torno do vale do catimbau que narram suas práticas do bem comum interligadas aos processos históricos relacionados à agricultura, aos conhecimentos ancestrais, as expressões da cultura popular e do bem viver. O Grão Delas é uma semente plantada que busca trazer as mulheres como narradoras das suas próprias histórias, fazendo brotar o protagonismo feminino dentro do contexto da caatinga.

Figura 4 - Participantes do projeto grão delas



Fonte: Anna Guilhermina (2021)

Além das oficinas que realizamos como estratégia de aproximação com a comunidade (Figura 5), e de atender as demandas, principalmente das mulheres, promovendo um intercâmbio entre diferentes profissionais e artistas, são elas: Pedras que tingem (tingimento de tecido com pigmento das pedras), alimentação viva, pães e massas e alimentação vegetariana.

Figura 5 - Oficina pedras que tingem



Fonte: Anna Guilhermina (2018)

O mais recente projeto é ministrar aulas de educação ambiental infantil na comunidade Baixa Grande, usando elementos naturais refletimos sobre nossa relação com a natureza.

Minha jornada na promoção da agroecologia e do bem viver na comunidade tem sido marcada por uma variedade de eventos e atividades que integram saberes tradicionais e contemporâneos. Segundo Barbosa (2019, p. 57):

A cultura que se expressa na arte sentipensante revela que o sentido estético dessa arte é sua capacidade de transmitir, por meio da linguagem, do trabalho e das relações sociais, uma leitura crítica do mundo real e concreto em que se vive, ao mesmo tempo que projeta o horizonte utópico de uma sociedade emancipada.

Assim, através do conceito agroecológico, desenvolvemos iniciativas que não apenas fomentam a cultura local, preservando conhecimentos ancestrais, mas também incorporam linguagens contemporâneas e tecnologia, especialmente na zona rural, “para colocarmos a materialidade do mundo a favor da diversidade biológica e cultural, faz-se necessário resgatar memórias para transformação presente, em um histórico de conservação biocultural” (PERES e MORALES, 2023, p. 17).

Em cada iniciativa, a agroecologia emerge como uma filosofia que não se limita à produção agrícola, mas permeia todas as dimensões da vida comunitária. O caminho trilhado visa não apenas preservar o ambiente, mas também promover a construção de uma sociedade mais consciente, participativa e comprometida com o bem viver. Assim, cada evento e atividade se torna um passo na construção de um presente e futuro sustentável para a comunidade.

3.2 Arte e cultura nos processos educativos

Minha jornada com o BACEP ao longo desses 4 anos, foi um período de constante aprendizagem sobre a importância das metodologias participativas ao nos aproximarmos da comunidade. Antes mesmo do curso, eu já realizava várias atividades no sítio, mas foi a partir dos conhecimentos adquiridos que percebi a relevância do que estava fazendo e como poderia aprimorar minhas práticas.

Segundo Percassi, Bonassa e Guilherme (2021, p. 291)

A arte surge como expressão do desenvolvimento da sociabilidade. Quando os seres humanos iniciaram o processo de humanização, que os distingue dos animais, também teve início o desenvolvimento da arte. A arte é parte do processo de experiência dos seres humanos como seres criadores e produtores de vida nas suas diversas dimensões. A criação dos instrumentos de trabalho e da arte se deu em conjunto no desenvolvimento humano.

Com isso compreendi que as linguagens artísticas poderiam ser ferramentas valiosas para tornar a educação mais dinâmica, envolvendo diretamente os participantes. Durante a pandemia, diante do fechamento da última escola na comunidade, surgiu a oportunidade de ocupar o prédio abandonado para oferecer aulas à comunidade. Junto ao Coletivo Trovoada⁴, passei a ministrar aulas de educação ambiental para crianças, aproveitando a oportunidade para integrar ainda mais a dimensão da agroecologia nesse contexto.

A arte na agroecologia segundo Percassi, Bonassa e Guilherme (2021, p. 293) se expressa,

[...] o cotidiano vivo, em movimento estético de transformação recíproca entre seres humanos e natureza. A terra onde pousa a semente e nasce a flor e o fruto, nas mãos humanas se torna pigmento mineral para desenhos, pinturas, esculturas e bandeiras. Os movimentos e ritmos da natureza e do trabalho se dobram, revolvem e viram danças nos corpos individuais e coletivos, nos

⁴ Coletivo que trabalha a inclusão digital para meninas e mulheres do Vale do Catimbau, o projeto mais recente é ministrar aulas de educação ambiental para crianças das comunidades Baixa Grande e Serrote Preto.

terreiros ou nas marchas. A palavra e o nome de cada coisa que um dia não tinha nome se combina em versos, vira história, causo, cria mundo imaginado e organização popular. Os sons dos bichos, das águas, dos ventos, dos trabalhos, das gentes, se propagam pelo ar em músicas e canções fazendo das peles, madeiras ou crinas instrumentos de encantaria e rebeldia.

Pois a arte está em tudo, principalmente na maneira que os seres humanos se expressam diante da vida. Ao trabalhar com as crianças (Figura 6), percebi que dinâmicas participativas aumentam o envolvimento e, conseqüentemente, promovem não apenas o debate agroecológico, mas também proporcionam acesso a equipamentos culturais e estimulam a criatividade. Utilizando pintura, cinema, teatro, instrumentos musicais, e até mesmo a presença de palhaços, criamos um ambiente propício ao aprendizado e à reflexão, segundo Percassi, Bonassa e Guilherme (2021, p. 288)

As experiências de um grupo se enraízam com a de seus antecessores por meio de mediações simbólicas, como canções, danças, histórias. Os cantos de trabalho, por exemplo, surgem da vida coletiva e estabelecem relações com a história e com a memória.

Figura 6 - Atividade de moldar o barro com as crianças



Fonte: Anna Guilhermina (2023)

As atividades do BACEP nos ajudam a pensar nas aulas e atividades que fazemos na comunidade, um exemplo foi na temática de melhoramento genético, pediram que fizéssemos uma ação com a comunidade para falar sobre sementes,

então utilizamos as aulas com as crianças para isso. Começamos com uma conversa sobre a feira e os hábitos alimentares, associamos que todo alimento (frutas, verduras, grãos) vem das sementes e a partir daí a importância das mesmas para nós e para a natureza. Realizamos uma prática de plantio de suculentas e sementes de umbu (já com a dormência quebrada), demos os vasos de barro, feitos no próprio território, as crianças pintaram os vasos e depois plantaram (Figura 7).

Figura 7 - Atividade de plantio de mudas com as crianças



Fonte: Anna Guilhermina (2023)

Com essa prática podemos observar o conhecimento das crianças, ir tendo conversas sobre sementes e agroecologia desde a infância ajuda no processo de despertar para o mundo e para as questões ambientais que é um grande fator da atualidade, também ajuda no resgate da cultura local, das práticas dos pais e avós e vai-se criando um novo diálogo em casa quando surgem essas curiosidades, fazendo com que os adultos também se interessem e venham conversar sobre tais questões. Esse exemplo ilustra como pensamos em aulas que contemplam não apenas o debate agroecológico, mas também valorizam a arte e a cultura local.

Ainda dialogando com Percassi, Bonassa e Guilherme (2021, p. 290) nos diz que:

Saber tocar um instrumento musical, interpretar ou cantar, ter o hábito de ler livros, conhecer amplo repertório de filmes do cinema

nacional e internacional são, antes de mais nada, direitos fundamentais inerentes a todas e a todos os seres humanos. Entretanto, no mundo capitalista esses direitos muitas vezes são negados e tornam-se privilégios. A educação deve, portanto, proporcionar meios críticos de percepção da mediação que a indústria cultural estabelece entre os indivíduos e o mundo, entre vida e realidade. Porém, a educação é restrita, e não pode mudar de fato as relações sociais que produzem as diferentes formas de exploração e opressão. Nesse aspecto, os espaços educativos devem ir além da condição de oferta de acesso aos bens culturais, posição que gira em falso sobre o eixo da lógica capitalista do consumo, e transformá-los em espaços de produção cultural, de socialização dos meios de produção artística e de compreensão crítica da realidade.

Dessa forma entendo que a arte além de ser uma importante ferramenta pedagógica também é essencial para a vida humana, para que nos tornemos sujeitos críticos e conscientes da realidade.

As atividades do BACEP têm sido fundamentais para essa reflexão, buscamos metodologias atrativas que incentivem a participação ativa das pessoas no processo educativo e contribuindo para que o conhecimento ultrapasse as salas de aula e se estenda para nossas vivências cotidianas. Essa experiência tem sido crucial para minha formação como educadora, preparando-me para atuar em diversos contextos com uma abordagem mais ampla e integradora.

3.3 Arte e Educação no BACEP

No decorrer do bacharelado em Agroecologia, destaco a importância de temáticas que exploram a interseção entre arte, cultura e os princípios agroecológicos. Além disso, adotamos metodologias que estimulam a criatividade e facilitam a sistematização, incorporando diversas linguagens artísticas. Um ponto crucial que merece destaque é a culminância, uma atividade na qual aprimorei práticas artísticas alinhadas ao contexto estudado, mantendo o foco nos conteúdos relevantes.

A culminância, como parte integrante do curso, representa o resultado dos aprendizados de cada semestre. Nos grupos de territórios, realizamos uma síntese que reflete os conteúdos estudados, explorando linguagens artísticas como teatro, podcasts, exposições, audiovisual e performances, entre outras. A organização desse processo inicia com uma revisão do que foi estudado, seja em sala de aula, nas viagens ou durante o tempo na comunidade. Destacamos os pontos-chave para

serem abordados nas apresentações, decidindo as linguagens artísticas a serem utilizadas e as funções específicas de cada elemento no grupo.

Esse momento não apenas nos permite revisar os aprendizados do semestre, mas também constitui uma metodologia marcante no curso. Através da rememoração coletiva, da sistematização e do uso de expressões artísticas, consolidamos os conhecimentos de forma única, enriquecendo a experiência de aprendizagem.

O processo coletivo, naturalmente, apresenta desafios decorrentes das diversas perspectivas e vivências dos participantes. No entanto, é essa diversidade que enriquece a abordagem de um mesmo tema de maneiras distintas. Percebo que esses desafios, embora possam gerar desconforto, representam o espaço propício para nosso desenvolvimento profissional e educacional. É nesse ambiente que nos descobrimos como educadores, aprendendo a lidar com as diferenças e construindo coletivamente, sem que isso impacte negativamente nos resultados.

Além disso, acredito que o uso das ferramentas de sistematização, principalmente durante a culminância, contribuirá significativamente para a minha formação. Essa prática não apenas aprimora a capacidade de síntese e avaliação, mas também incorpora diferentes expressões artísticas, estimulando a criatividade e ampliando os horizontes da pesquisa, especialmente no contexto das linguagens artísticas. Em última análise, destaco que essa metodologia é fundamental nos processos de aprendizagem, seja na construção coletiva ou na produção da síntese semestral por meio de diversas expressões, pois auxilia na consolidação e contextualização do conhecimento com o território e as pessoas presentes.

Ao longo dos dois últimos semestres do curso de Agroecologia (2023. 1 e 2), o estágio supervisionado obrigatório emerge como um ponto de destaque, proporcionando a oportunidade de aplicar os conhecimentos adquiridos ao longo dos anos. Meu primeiro estágio ocorreu na comunidade quilombola de Estivas em Garanhuns - PE, onde acompanhei de perto o vibrante grupo de dança e percussão, além de participar das aulas de educação infantil na escola local. No segundo estágio, tive a experiência enriquecedora no Centro de Tecnologia Alternativa (CTA)⁵

⁵ A missão do Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM), em Minas Gerais, é a de promover a agroecologia como ciência, prática e movimento, através de ações socioassistenciais de assessoramento, defesa e garantia de direitos para a contribuição e fortalecimento das organizações, a equidade nas relações de gênero e gerações, e a melhoria da condição de vida das famílias agricultoras, em todas as suas dimensões: econômica, social, ambiental, política e cultural. Disponível em: < <https://ctazm.org.br/pagina-missao-visao-e-valores> > Acesso em: 18 fev 2024

da zona da mata em Viçosa - MG, uma instituição comprometida com a assessoria técnica aos agricultores locais e a promoção do debate agroecológico nas escolas do território.

Na comunidade Quilombola de Estivas, a associação promove projetos interligados à cultura e à agricultura, ambos sob uma abordagem agroecológica. Através de iniciativas como o grupo de percussão e dança Oba Ayê e oficinas de artesanato, aliadas à assessoria técnica da Cáritas⁶, a comunidade desenvolve unidades demonstrativas de tecnologias sociais. A reflexão junto aos jovens do grupo ressalta a importância dessa atividade como um diálogo com a ancestralidade e uma ferramenta de afastamento de questões relacionadas ao uso de álcool e drogas.

No Centro de Tecnologia Alternativa (CTA), participei ativamente do projeto Curupira, que engloba 20 escolas da rede pública em diversas comunidades rurais ao redor de Viçosa. Nesse projeto, são desenvolvidas atividades voltadas para crianças, abrangendo as áreas de arte e educação. O foco é fortalecer a autoestima dos participantes, estimular o autoconhecimento e, por conseguinte, promover uma maior sensibilização em relação ao meio ambiente em que vivem. Além disso, o projeto busca oferecer ideias e práticas sustentáveis para integrar o cotidiano das famílias e da comunidade escolar.

Essas experiências me levaram a ponderar sobre o papel vital da arte e cultura em uma comunidade e na vida individual. A arte, seja na forma de dança, música ou outras expressões, transcende diferentes aspectos da existência, desde o intelectual, ao transmitir conhecimentos e histórias, até o físico, ao proporcionar saúde mental e socialização, e o espiritual, estabelecendo uma conexão com a natureza e elementos além da compreensão.

A utilização da arte como metodologia remonta aos povos antigos, preservando suas histórias e tradições. É uma ferramenta de agregação, fortalecendo a coletividade, essencial para sociedades organizadas, especialmente ao reivindicar direitos. A sociedade, portanto, precisa valorizar e compreender essa linguagem como algo fundamental em nossas vidas.

⁶ É uma entidade de promoção e atuação social que trabalha na defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário. Sua atuação é junto aos excluídos e excluídas em defesa da vida e na participação da construção solidária de uma sociedade justa, igualitária e plural. Disponível em: <<https://www.aspr.org.br/caritas/#:~:text=%C3%89%20uma%20entidade%20de%20promo%C3%A7%C3%A3o,sociedade%20justa%2C%20igualit%C3%A1ria%20e%20plural>> Acesso em: 18 fev 2024

Além dos grupos culturais, a identidade quilombola é fortalecida nas escolas das comunidades, um direito respaldado pela lei de diretrizes nacional da educação quilombola (BRASIL, 2012). Essa abordagem contextualizada visa reforçar a cultura e identidade do povo.

A arte é uma ferramenta essencial para a vida humana, exercendo o poder de agrupamento, transmitindo saberes de maneira dinâmica e preservando a história, especialmente através da oralidade. No grupo de dança e nas escolas, essa presença é ainda mais marcante, utilizando a arte como uma ferramenta vital para resgatar a identidade quilombola e camponesa por meio de músicas, danças e ferramentas que sistematizam o conhecimento de forma lúdica.

4 CONCLUSÃO

Vivenciar a agroecologia marcou profundamente minha relação com o território e a comunidade, instigando-me a compreender que meu papel individual e social pode ser ativo na transformação positiva do mundo, por meio do compartilhamento de conhecimentos. A agroecologia, enquanto ciência interdisciplinar, transcende a mera produção agrícola, abraçando um estilo de vida completo, priorizando a sustentabilidade, a conservação dos recursos naturais e a valorização dos saberes tradicionais.

Optei por aprofundar meus conhecimentos na área ao ingressar no Bacharelado em Agroecologia na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Este curso, estruturado em quatro eixos temáticos, proporcionou-me uma compreensão mais ampla da agroecologia, especialmente nas temáticas que abordam expressões culturais, subjetividades, educação popular e processos educativos.

A interconexão entre a Agroecologia e as dimensões culturais, subjetivas, comunicativas e educativas, enfatizadas no curso, visa formar profissionais competentes em práticas agroecológicas, mas também agentes de transformação que compreendem e respeitam as complexidades e especificidades das comunidades rurais.

Associar agroecologia, arte, educação e cultura é crucial para promover o crescimento sustentável e fortalecer as comunidades rurais. Valorizando a diversidade cultural, a agroecologia busca práticas agrícolas socialmente justas, economicamente viáveis e ecologicamente saudáveis. A arte e a educação desempenham papéis fundamentais nesse contexto, transmitindo mensagens sobre a importância da preservação ambiental, valorização dos produtos locais e biodiversidade.

No primeiro eixo, explorei as raízes do meu território, o município de Buíque, situado no agreste meridional de Pernambuco. Ao mapear suas características geográficas, culturais e históricas, fui capaz de compreender as demandas e potenciais da comunidade. Identifiquei a riqueza da biodiversidade local, a diversidade cultural marcante, desde a presença indígena até os desafios enfrentados na contemporaneidade. Essa imersão inicial foi essencial para a construção de um diagnóstico preciso e fundamentado.

No segundo eixo, a ação tomou forma no Sítio Alcobaça. Juntamente com a comunidade, estudantes e professores, planejamos e implementamos um Sistema Agroflorestal (SAF), inspirados pela observação da natureza e pela compreensão das interações sistêmicas entre plantas e animais. Essa iniciativa não apenas buscou a sustentabilidade na produção agrícola, também promoveu a diversidade, a harmonia e a resiliência no agroecossistema, é sobre cultivar conhecimento e consciência. Ao observar as interações sistêmicas no SAF, promovemos uma educação prática e imersiva, envolvendo a comunidade nas complexidades e maravilhas da natureza.

No terceiro eixo, a sistematização e avaliação, adotamos uma abordagem sensível e crítica para analisar as experiências vividas. A educação popular foi nossa bússola, incentivando a reflexão coletiva sobre acertos, desafios e aprendizados. A sistematização de experiências não se limitou a uma simples avaliação; ela se tornou uma ferramenta de empoderamento, capacitando os participantes a transformar suas realidades. Este processo ético, político e pedagógico reforçou a importância de respeitar as diversas vozes envolvidas, construindo conhecimento a partir das experiências vividas.

Minha jornada na promoção da agroecologia e do bem viver na comunidade foi marcada por uma série de eventos e atividades, desde o Cine Peba até o projeto Grão Delas. Cada iniciativa não apenas fomentou a cultura local, preservando saberes tradicionais, mas também incorporou linguagens contemporâneas e tecnologia, especialmente na zona rural.

A trajetória aqui apresentada revela a confluência única entre agroecologia, arte e educação, destacando como esses elementos formam uma rede interdependente na construção de práticas sustentáveis e enraizadas na cultura local. A arte emerge como uma poderosa ferramenta de educação popular, capaz de engajar comunidades, resgatar tradições e fortalecer a identidade cultural.

Ao longo dessa jornada, ficou claro como a iniciativa de incorporar a arte no contexto da agroecologia não só estimula a criatividade e o envolvimento, mas também promove um entendimento mais profundo e significativo dos princípios agroecológicos. A interação com a comunidade, especialmente as crianças, revelou a capacidade transformadora da arte como meio de comunicação e aprendizado.

A valorização da cultura local, expressa através de festas tradicionais, grupos de dança e ações educativas contextualizadas, não apenas preserva tradições, mas

também fortalece o vínculo entre as gerações e reforça a importância da agroecologia como parte integrante dessa identidade. A experiência no BACEP e nos estágios supervisionados evidenciou a necessidade de transcender as abordagens convencionais de ensino, incorporando metodologias participativas e expressivas.

Nesse contexto, a integração entre agroecologia, arte e educação é uma abordagem enriquecedora e essencial para construir comunidades mais resilientes, conscientes e conectadas com suas raízes. A arte não apenas ilustra a agroecologia, mas a vivifica, transformando conceitos abstratos em experiências tangíveis e significativas.

Assim, ao reconhecer a arte como uma linguagem intrínseca à experiência humana, podemos alavancar seu poder para inspirar mudanças positivas, promovendo uma relação mais equilibrada e sustentável entre seres humanos, natureza e cultura. A busca por uma práxis social emancipatória, mencionada no dicionário da agroecologia, ganha vida quando aliada à expressão artística, criando um caminho vibrante em direção a comunidades mais conscientes e resilientes.

REFERÊNCIAS

AMÂNCIO, Cristhiane Oliveira Da Graça ; SOUZA, Natália Almeida. Sistematização de experiências. In: DIAS, Alexandre Pessoa, *et.al* (Org). **Dicionário de agroecologia e educação**. 1. ed. São Paulo: Expressão popular, 2021. p 706 - 711

ASSIS, Virgínia Maria Almoêdo de. e ACIOLY, Vera Lúcia Costa. **Buíque: Uma história preservada**. 2004.

BARBOSA, L. P. Estética da resistência: arte sentipensante e educação na práxis política latinoamericana. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado*, v. 9, n. 23, p. 29-62, 2019.

BRASIL, Ministério da Educação . **Parecer CNE/CEB nº 16/2012**, aprovado em 5 de junho de 2012 - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Brasília, 2012.

IBGE. **Buíque, Pernambuco**, 2015. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/buique/panorama>. Acesso em: 18 fev. 2024.

FIGUEIREDO , Marcos Antônio Bezerra. **Práticas campesinas agroflorestais para incrementar a biodiversidade**: no caso de pernambuco no brasil. 4. ed. *Local: Leisa*, 2019.

FONSECA, Homero. **Pernambucânia**: o que há nos nomes das nossas cidades. Recife: CEPE, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

GERVAIS, Ana Maria Dubeux; SILVA, José Nunes ; MATTOS, Jorge Luiz Schirmer . **Programa de Pós-graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial: uma análise da formação interdisciplinar de profissionais da agroecologia**. 1. ed. *Local: Cadernos de agroecologia*, 2023. v. 18.

GOTSCH, Ernst. **Homem e natureza**: cultura na agricultura. 2. ed. Recife: Centro Sabiá, 1997.

MOLLINSON, Bill. **Introdução à permacultura**. 1. ed. Wilton USA: Yankee permaculture, 1981.

PERCASSI, Jade ; BONASSA, Juliana ; GUILHERME , Sylviane. Cultura e agroecologia. In: DIAS, Alexandre Pessoa, *et.al* (Org). **Dicionário de agroecologia e educação**. 1. ed. São Paulo: Expressão popular, 2021. 287 - 293 p.

PERES, Flávia Mendes De Andrade; MORALES, Lorena Pia Medina. Quando corpos apontam caminhos: reflexões sobre memória biocultural e práticas comunitárias para diversidade biológica e cultural. 37. ed. Belém: **Revista Cocar**, 2023. 1-21 p. v. 19. ISSN 2237-0315.

SHIVA , Vandana. **Earth Democracy, Justice, Sustainability and Peace**. 2. ed. *Local*: Zed Books, 2016. ISBN 978-1783607747.

SILVA, Nelsivânia Batista . **Subjetividade e educação: um olhar a partir dos sujeitos das feiras agroecológicas e populares**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2012.